

68- Musicoterapia em Grupo: contribuindo no desenvolvimento do autista.
Claudimara Zanchetta/PR.¹

Autismo é um distúrbio do desenvolvimento com bases neurobiológicas e que tem prejuízos significativos nas áreas de interação interpessoal, comportamento e comunicação. A criança autista se apresenta muitas vezes ausente (desconectada), rítmica em seus rituais e nas suas estereotípias, melódicas em suas ecolalias e harmônicas em suas desarmonias. A musicoterapia é uma forma de tratamento, onde o paciente, através do canal sonoro-musical, é estimulado em suas capacidades físicas, mentais, cognitivas e sociais, seja em grupo ou individualmente. Os objetivos gerais da musicoterapia com os autistas são: estimular comunicação (verbal e corporal – gestos, expressões faciais, ritmo), interação (com o musicoterapeuta e com participantes do grupo) e melhora de comportamento, proporcionando a eles no setting musicoterapêutico possibilidades de troca afetiva, contato corporal e vivência musical. Este trabalho tem por objetivo mostrar as possibilidades e adaptações das atividades de musicoterapia no trabalho em grupo, auxiliando diretamente nas dificuldades do autista, proporcionando com isso vivências que poderão ser reconhecidas em sua vida em sociedade.

69- O cérebro do músico como referencial nas práticas musicoterapicas do século XXI. Nydia C. C. do Rego Monteiro/PI.¹

Baseado em pesquisas atuais sobre o cérebro do músico e os efeitos da música em outros cérebros este estudo busca referências sólidas na aplicação da musicoterapia neste século. O objetivo é trazer novas possibilidades e referenciais científicos para o profissional musicoterapeuta envolvido com pacientes neurológicos e outros em equipe multidisciplinar. Auxiliando também na comunicação entre membros de uma equipe científica com diversas formações, mas que compartilham objetivos terapêuticos a serem atingidos com os mesmos pacientes em tratamento. Assim estes estudos tem por base pesquisas neurocientíficas de: Altenmuller (2001), Bigand (2000), Levitin (2007), Sacks (2007), Peretz e Zatorre (2003) e a aplicação adaptada dos mesmos no fazer musicoterápico do século XXI.

Palavras-Chave: Musicoterapia, cérebro do músico, pacientes neurológicos.

INTRODUÇÃO

O interesse sobre cérebro e música encontra-se em crescimento, pois nunca se pesquisou tanto sobre tal assunto no mundo como na atualidade. Neste trabalho focamos mais os pioneiros desta área, tais como: Eckhart O. Altenmuller (Instituto de Fisiologia da música e da medicina da Arte-Hannover, Alemanha), Emmanuel Bigand (Instituto de Pesquisa e Coordenação acústica/Música-Dijon-Paris), Isabelle Peretz (Laboratório de Neuropsicologia da Música da Universidade de Montreal-Canadá), Robert Zatorre (Universidade McGill-Montreal-Canadá), Schlaug (Universidade de Harvard), Daniel Levitin (diretor laboratório pesquisa MacGill) e o Oliver Sacks. (neurologista com trabalho de pesquisa com musicoterapeuta) Desta forma, os musicoterapeutas, únicos profissionais que utilizam a música com objetivos terapêuticos, não devem ignorar estas pesquisas. Ao contrário, devem ser utilizadas como aliada para nortear suas ações e fortalecer a credibilidade entre os profissionais da área de saúde. O objetivo proposto por este artigo é trazer novas possibilidades e referenciais científicos para o profissional musicoterapeuta envolvido com pacientes neurológicos e outros em equipe multidisciplinar podendo também auxiliar na comunicação entre membros de uma equipe científica com diversas formações.

¹ Musicoterapeuta formada pela FAP/PR, especialista em Psicologia Corporal Reichiana, formada pelo Centro Reichiano/PR; especializanda em Gerontologia Clínica e Social pela Universidade Positivo/PR, prof. convidada o curso de extensão da Faculdade Evangélica/PR. Atua na área autismo, geriatria, consultoria, treinamento em empresas e escolas e consultorio particular. E-mail: clauzanchetta@gmail.com

¹ Especialista em Musicoterapia -CBM-RJ-1998. Co-autora do projeto de especialização em Musicoterapia da UFPI-2005. Professora da especialização em Musicoterapia da UFPI-2006/2007. Musicoterapeuta concursada (2006) contratada do CEIR- Centro de Reabilitação Física de Teresina- Associação Reabilitar -PI-2008. Presidente Associação de Musicoterapia do Piauí-2008/2010. Musicoterapeuta da Rede Feminina de Combate ao Cancer-PI atuando em: UTIs, enfermarias do Hospital São Marcos -PI e casa de apoio a pacientes com câncer(desde 2000). Atende em consultório particular. Desde 1998 vem divulgando a musicoterapia no estado do PI através de: palestras, cursos, reportagens na mídia , projetos, etc. Email: nydiadoregomonteiro@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1274073200473417>

1-ATUAÇÃO DA MÚSICA NO CÉREBRO

Quadro 1: O cérebro e principais centros de processamento musical

CÉREBRO	PROCESSAMENTO MUSICAL
Córtex pré-frontal	Criação de expectativas; violação e satisfação das expectativas.-Planejamento do tocar, cantar.
Córtex pré-motor	Movimento, bater o pé, dançar e tocar um instrumento.
Córtex sensorial	Reação tátil a tocar um instrumento .
Córtex auditivo	As primeiras etapas da audição de sons, a percepção e a análise de tons.
Córtex visual	Leitura de música, observação dos movimentos de um executante.(incluindo os do próprio)
Corpo caloso	Liga os hemisférios esquerdo e direito.
Núcleo accumbens	Reações emocionais à música
Amígdala	Reações emocionais à música
Hipocampo	Memória para a música, experiências e contextos musicais.
Gânglios Basais	Órgão de sucessão-geração modelação do ritmo, do andamento e métrica.(Wich, Levitin e Sacks)
Cerebelo	Movimentos, como o bater do pé, dançar, e tocar um instrumento. Também envolvido nas reações emocionais à música.

Fonte: adaptado de Levitin, 2007.p.276-277.

2- DETALHES RELEVANTES DAS PESQUISAS PARA A MUSICOTERAPIA

O cérebro, segundo Herculano-Houzel (2008) representa apenas 2% da massa corporal, consome 20% da energia necessária. A redução de 1% desta energia é suficiente para provocar desmaio ou mal estar. Ou seja, ele é essencial para a ação do ser humano. O Cérebro do músico, segundo Sacks (2007) é o único que pode ser reconhecido sem dificuldades por anatomistas, justamente pelos inúmeros estudos já realizados e comprovados. O mesmo autor ressalta a coordenação de muitas estruturas cerebrais (córtex-motor, núcleo do tálamo, gânglios basais, cerebelo) para haver a atuação do músico. "O músico em sua plenitude é um milagre operacional, mas um milagre com vulnerabilidades singulares e às vezes imprevisíveis"(Marsden apud.Sacks, 2007, p.260). Os estudos cerebrais de músicos acometidos de doenças e com seqüelas também tem sido úteis para desvendar mais os mistérios do cérebro. Os músicos tendem a ter a parte frontal do corpo caloso maior (Schlaug apud Levitin, 2007) e o cerebelo também maior. Aliado a isso há também uma concentração maior de massa cinzenta (contem os corpos celulares, dendritos e axônios e é responsável pelo processamento das informações) nas áreas motoras, auditivas, visuoespaciais do córtex, como no cerebelo (Schlaug apud Sacks,2007). Sluming (Hopen, 2009) com sua equipe da Universidade de Liverpool comprovou maior densidade de substância cinzenta na área de Broca (fala) em músicos de orquestra. Para os músicos esta área

também faz a mediação de aptidões visuais e o seqüenciamento de ações motoras rápidas. Descobriu-se também em pianistas profissionais que certas regiões da substância branca são mais desenvolvidas. e conectam partes do córtex cerebral vitais para a coordenação motora dos dedos e áreas cognitivas operadas durante a produção musical (Úllen apud Field, 2008). Bigand (Vieillard,2009) e Peretz(2009) tem investigado simultaneamente e com parcerias internacionais em diversos laboratórios, chegando as conclusões de que são dois os parâmetros musicais relacionados na expressão emocional: andamento e modo. Andamento rápido e modo maior contribuem para expressão de alegria. Andamento lento e modo menor, equivalência emocional negativa. Um modo menor e uma dinâmica estimulante evocam um sentimento de raiva ou de medo (Bigand apud Vieillard,2008). Parâmetros combinados e divergentes, os ouvintes utilizam o andamento para julgar por ser mais simples de processar. Crianças identificam bem cedo os índices emocionais na estrutura musical. Para Peretz (Vieillard,2008) a música não evoca emoções apenas de acordo com a história pessoal de cada um (ISO), mas que ela de fato as provoca. Fritz et all, neste ano apresentaram resultados sobre reconhecimento emocional de três emoções e utilizaram população africana isolada culturalmente, provando exatamente esta percepção universal das emoções relacionadas a estes parâmetros. (em parceria com Peretz).

Complementando estas informações que podem ser utilizadas para reforçar nossos princípios e aplicações musicoterápicas temos:

A importância do envolvimento emocional com as músicas por potencializar os efeitos tem sido provada em inúmeras pesquisas. Levitin (2007) ao trazer alguns resultados das pesquisas realizadas na MacGill ressalta que o cerebelo é mais ativado quando as pessoas ouvem músicas familiares. Schmahmann (Levitin,2007) de Harvard, reuniu provas suficientes de que o cerebelo também está envolvido na emoção. Levitin em outra pesquisa realizada com Perry (2007) mostra os resultados quando os pesquisados cantaram suas músicas preferidas: todos cantaram nas alturas sonoras exatas ou próximas das originais, como também nos andamentos. O que reforça também a memória potencializada pela emoção.

Quanto à percepção musical e os hemisférios já se comprova:

A percepção musical é hierárquica. Segundo Altenmuller (2009) o lado esquerdo do cérebro parece processar elementos básicos como intervalos e ritmos. O direito reconhece características gerais como a métrica e o contorno melódico. Zatorre comprova a mesma afirmação em suas pesquisas (Levitin,2007) com pacientes com lesão temporal direita. Peretz descobriu que o hemisfério direito do cérebro contem um processador do desenho musical que efetivamente traça o contorno de uma melodia e analisa-o reconhecendo posteriormente e o mais importante, está dissociado dos circuitos do ritmo e da métrica do cérebro (Levitin, 2007). Sacks (2007) afirma que em geral as deficiências na percepção da melodia estão associadas a lesões no hemisfério direito. A disseminação do ritmo é muito mais complexa e envolve o hemisfério esquerdo, sistemas subcorticais dos gânglios basais, cerebelo e outras áreas é também destacado por Sacks.

3-DESCOBERTAS QUE PODEM SER REFERÊNCIAS NO ATENDIMENTO:

Com este trabalho mostro caminhos que podem auxiliar-nos em nossos atendimentos com algumas de nossas clientelas. Bruscia destaca “que os aspectos multissensoriais da música a tornam ideal para o seu uso terapêutico”. O mesmo autor diz que “certos clientes, os aspectos auditivos da música devem ser enfatizados e com outros, os canais motores, táteis ou visuais é que devem ser estimulados”(2000,p.109). Exatamente para nortear mais a atuação do musicoterapeuta com cada particularidade de sua clientela que o acesso a estas pesquisas científicas deve ser estimulado. Em cada clínica há uma especificidade quanto ao potencial de interação ou dificuldades a serem minimizadas ou vencidas. Unindo nossos conhecimentos e procedimentos específicos da musicoterapia às descobertas da ciência neste século, obteremos uma maior segurança e um referencial teórico mais sólido.

Quadro 2: Cérebro do músico: referência musicoterápica

cérebro	músicos	*autista	**parkinson
C.pré-frontal		alteração	
C.pré-motor	aumentado		alterações
C.sensorial	aumentado	alteração	
C.auditivo	aumentado		
C.visual			
Corpo caloso	aumentado	atrofiado	
Núcleo accumbens			
Amígdala		Pouco desenvolvido	
Hipocampo		Redução neuronal.	alterações
Gânglios basais			danos
Cerebelo	aumentado	alteração	alterações

Fonte: * Camargos, 2002.p.21 **Wicht,2009.p.70; Sacks,2007.p.247

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grandeza destas pesquisas realizadas mundialmente ressaltam cada vez mais a música com potencial de ampliar, habilitar, reabilitar, adaptar, equilibrar cada vez mais o ser humano. É importante que os musicoterapeutas, profissionais capacitados, possam utilizar estes resultados científicos e aplicar em sua prática. A musicoterapia está sendo gradualmente reconhecida como uma ciência competente quanto aos benefícios comprovados que traz para o ser humano. Este é um momento nacional em que a musicoterapia deve buscar maior credibilidade e vencer os obstáculos que dificultam seu crescimento. Acredito ser muito importante que cada musicoterapeuta possa contribuir com sua prática e visão incentivando e afirmando o crescimento do nosso campo. Que este pequeno trabalho possa ser útil para alguns e inspire-os para pesquisas futuras.

ABSTRACT

THE BRAIN OF THE MUSICIAN AS REFERENCIAL IN THE MUSIC THERAPY PRACTICES IN THE XXI CENTURY

Based on current researches on the brain of the musician and the effects of music in other brains, this study searches for solid references in the application of music in this century. The goal is to bring new opportunities and scientific benchmarks for the music therapist professional involved in neurological patients and others in the multidisciplinary team. Also helping in the communication between members of a scientific team with different backgrounds but that share therapeutic objectives to be achieved with the same patients in the treatment. Thus these studies are based on neuroscientific surveys of Altenmuller (2001), Bigand (2000), Levitin (2007), Sacks (2007), Peretz e Zatorre (2003) and the adapted application of these ones on 'Music therapy making' of the XXI century.

Key-words: Music therapy, brain of the musician, neurologic patients

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENMULLER,E. Acordes na cabeça. In:Mente cérebro,ano XVI,n.17.São Paulo:Duetto Editorial,p.67-71,2009
- _____. Á flor da pele. In:Mente cérebro,ano XVI,n.17.São Paulo:Duetto Editorial,p78-82,2009.
- _____. Medicine, Music and the mind.Neurology of musical performance.Hannover-,Royal College of Physicians,2008.www.immm.umt-hannover.de/en/institute/people/eckartq-altenmuller.aceso em 12/04/2009
- BARCELLOS,L.R.M(org). Musicoterapia: Alguns escritos.Rio de Janeiro: Enelivros, 2004
- BIGAND,E.The time course of emotional response to music,Annals of the New York Academy of Sciences-.www.u-bourgogne.fr/LEAD/people/bigand.html-aceso em 14/04/2009
- _____. Ouvido afinado.In:Mente cérebro,ano XVI,n.17.São Paulo:Duetto Editorial,p.72-77,2009.
- BRUSCIA, Kenneth. Definindo Musicoterapia. 2.ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CAMARGOS Jr.,W.(coord) Transtornos invasivos do desenvolvimento:3º milênio.Brasília: Ministério da justiça, AMES, ABRA,2002.
- CHAGAS, M; PEDRO, R. Musicoterapia-desafios entre a Modernidade e a Contemporaneidade..Rio de Janeiro: X:Bapera, 2008
- FRITZ et al.Universal recognition.Of three basic emotions in music.Current Biology(2009)www.brams.umontreal.ca/plab/people/peretz
- HOPPEN,C.,STOJANOVIS,H. A ciência da genialidade.In:Mente cérebro,anoXVI,n.189.São Paulo: Duetto Editorial,p32-41,2009.
- FIELDS,D. Substância branca.In:Mente cérebro,ano XVI,n.188.São Paulo:Duetto Editorial,p.60-67,2008.
- HERCULANO-HOUZEL,S. De bem com seu cérebro.In:Mente cérebro,ano XVI,n.188.São Paulo:Duetto Editorial,p.29-35,2008.
- LEVITIN, D. Uma paixão humana-O seu cérebro e a música. Portugal: Editorial Bizâncio,

2007.

LOPES, A.L.; CARVALHO, P. Musicoterapia com hemiplégicos: Um trabalho integrado a fisioterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

NITRINI, R.; BACHESCHI, L.. A neurologia que todo médico deve saber. 3.ed. São Paulo: Maltese, 1995.

SACKS, O.. Alucinações Musicais: relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEILLARD, S. O som das emoções. In: *Mente cérebro*. ano XVI, n. 17. São Paulo: Duetto Editorial, p.58-65, 2009

WICHT, H. Marionetes cerebrais. In: *Mente cérebro*, ano XVI, n. 196. São Paulo: Duetto editorial, p.70-73, 2009.

ZATORRE, RJ et al. Moving on time: brain network for auditory-motor synchronization is modulated by rhythm complexity and musical training. *Journal of cognitive neuroscience*, 20, 226-239. www.zlab.mcgill.ca/home.html - acesso em 14/04/2009

70- "Um pouco de possível senão eu sufoco...": A escuta da Desrazão no fazer musicoterápico. Mariana Cardoso Puchivailo/PR.¹

RESUMO:

Através de pesquisa bibliográfica, a partir de vivências práticas em uma Unidade de Internamento em Saúde Mental de Curitiba, este trabalho propõe uma reflexão a cerca da Desrazão na atualidade e sua escuta no fazer musicoterápico. É debatida a Desrazão no campo da Saúde Mental e realizam-se diálogos sobre possíveis fazeres musicoterápicos que considerem uma Relação com o Fora. Entende-se, finalmente, a necessidade de uma escuta ampliada do musicoterapeuta, numa clínica que se apresente como transgressora e que possibilite movimentos de potencialização da subjetividade do indivíduo. Possibilitando, quiçá, que o trabalho musicoterapêutico possa ser uma ponte facilitadora de aproximação entre sociedade e Desrazão.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental, Desrazão, Musicoterapia

ABSTRACT

This work conceived through bibliographic research, and practical activities in an Intensive Mental Health Unit in Curitiba, proposes a reflection about "Desrazão" nowadays, and the capacity of its listening in Music therapy. "Desrazão" is debated in the field of Mental Health and dialogs are made about possibilities of Music therapy in working with Relations to the "Fora". Finally it is understood that it is necessary an enlarged listening from the music therapist in a clinic that presents itself as transgressive and aloud movements of subjectivity potencialization of the individual. Allowing the work of the music therapist to facilitate an approach between society and "Desrazão".

KEY-WORDS: Mental Helth, "Desrazão", Music Therapy

*Deixa tecer o caminho raro
Que meu espírito tem pra te seduzir
Deixa quebrar o mármore caro
Que tua face levanta no fitar e conduzir*

*Deixa criar gramática incerta
A ortografia incorreta com que tento me encontrar
É um destino trágico o que escolheste
Para em colo algum não querer deitar*

Primeiramente é preciso esclarecer que a Desrazão não pode ser definida. Defini-la seria correr o risco de perder sua principal utilização dentro deste trabalho, a de desconstrução de pensares. Poucos são os dicionários que contém a palavra Desrazão, que a definem como uma simples falta de razão. Além disso, é interessante perceber que a Desrazão ao longo da história se tornou sinônimo de loucura. Porém, Foucault

¹ Musicoterapeuta - Faculdade de Artes do Paraná - 2008. Estudante do 3º ano de Psicologia - UFPR. Estudante de Pós-graduação em Psicologia Analítica - PUCPR. E-mail: marianapuchivailo@yahoo.com.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9832588061745060>.